

reportagem cultural

Despojada elegância

Marcello Campos, especial para o JC *

De portas abertas em 7 de dezembro de 1983, o Theatro Mágico enfatizava a dedicação de Caco Zanchi em entregar à cidade um *pot-pourri* diferenciado e que, não por acaso, conquistou uma clientela de 2 mil pessoas por semana, de segunda a sábado. O convívio entre informalidade e sofisticação se refletia em uma agenda capaz de abrigar atrativos como um caricaturista uruguaio de plantão às sextas-feiras, recitais de poesia, shows de jazz e MPB (a cantora Adriana Calcanhotto foi um dos destaques, antes da fama nacional), gente arrastando mesas para improvisar uma pequena pista de dança ou todo mundo em respeitoso silêncio diante de espetáculos cênicos.

No verão de 1984, a casa fez jus a seu nome ao apresentar por 16 noites seguidas o monólogo *Réquiem Para um Deus*, escrito e dirigido pelo próprio Caco Zanchi, tendo Sílvio Teitelbaum no papel do célebre bailarino polonês Vaslav Nijinski (1889-1950). Tamanho foi o sucesso que a montagem foi esticada por vários meses, chegando ao Salão de Atos da Pucrs e ao interior do Estado, além de minitemporada em julho na boate paulista Madame Satã. E ainda havia os prazeres da boa mesa, sob comando do dono e auxílio de cinco de seus 16 empregados (jovens e descolados universitários), garantindo mais que um caprichado carreteiro grátis às quartas-feiras.

“A cozinha é enxuta, prática

e suficiente para oferecer as excelências sugeridas pelo cardápio, que dá continuidade a uma tradição secular em uma casa que testemunhou o cotidiano de uma família por tantos anos. Ali minha bisavó preparava pães gostosos e minha mãe fazia doces que a tornaram famosa na cidade”, registrou na época a especialista Maria Teresa Schaan Pessano em coluna de Zero Hora com reprodução de três receitas exclusivas – Filé Mignon à Casc Antic e os coquetéis Mário Quintana (contreau com sucos de limão, laranja e abacaxi) e Sandra Dani (conhaque, licor de menta, contreau, xarope de groselha e suco de uva).

Dentre os habituês estavam a artista plástica Elida Tessler e o psicanalista Edson Luiz Sousa, para quem o Theatro Mágico remete a “um espaço acolhedor e que colocava em cena a amplidão do mundo por um viajante generoso em compartilhar experiências”. Na noite de 1º de outubro de 1984, respectivamente com 22 e 24 anos, eles ali realizaram sua festa de casamento. “Queríamos algo a ver com nossa história, mas longe dos clichês. Caco indicou um intérprete de música popular brasileira em voz e violão e definimos um cardápio evocativo de viagens, então escolhemos o goulash (prato à base de carne e especiarias), de origem húngara. Foi comovente ver os avós da Elida, imigrantes judeus, subindo a escada do casarão para se contagiar por aquele ar de juventude”.

Elencada no ranking de 60 melhores pontos boêmios dentre os quase 6 mil visitados no País pela revista Bares Brasil, a casa também recebia estrelas de passagem pelo Rio Grande do Sul, como o ator gaúcho Walmor Chagas (1930-2013) e sua colega carioca Tônia Carrero (1922-2018). A presença de gente ilustre ampliava a projeção do negócio, embora alguns episódios exigissem jogo de cintura na gestão de pequenas crises. “Certa ocasião, uma famosa artista cheirava cocaína no banheiro e, travada, só abriu a porta após muita insistência. Retiramos a mulher com um véu sobre a cabeça, para evitar o



Espaço entre Bom Fim e Independência abriu as portas no final de 1983



Ator Sílvio Teitelbaum durante estreia da peça em janeiro de 1984

vexame, e a ‘matriculamos’ em um quarto no Hotel Plaza”, revela o fundador.

Caco ainda reivindica o pioneirismo em uma novidade na Porto Alegre de 1985: o karaokê, façanha igualmente atribuída a boate Fascinação (bairro Menino Deus), inaugurada naquele ano. De qualquer forma, o Theatro Mágico foi o primeiro e um dos poucos locais da cidade a utilizar bandas ao vivo como base sonora para o divertimento criado no Japão em 1971 e que desembarcara em São Paulo no início da década seguinte, quase sempre com trilhas pré-gravadas. “Começamos às quintas-feiras, com ampla repercussão!”, orgulha-se. Transcorridas quatro décadas, a brincadeira continua em pelo menos 10 bares e boates da capital gaúcha,

com direito a seletivas para campeonato mundial.

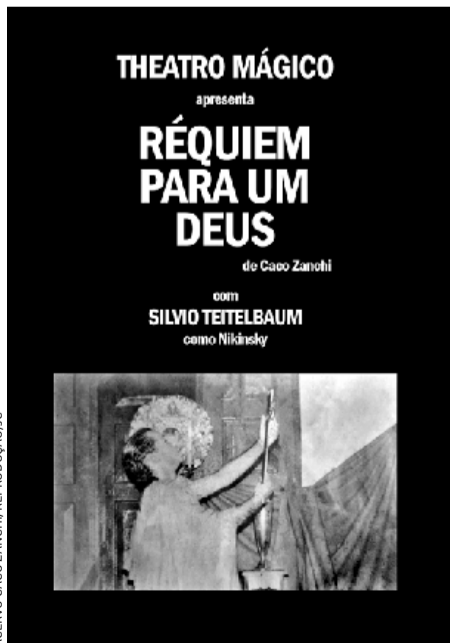
O retorno financeiro do empreendimento e o contato permanente com expoentes da cultura ocorriam em paralelo ao intenso envolvimento de Caco não só com a gastronomia, incluindo a abertura da Cantina di Zanchi (1986), na esquina da rua José Bonifácio com Santa Terezinha, em frente ao Parque da Redenção. Seus interesses também se voltavam cada vez mais para teatro, fotografia e literatura, faceta que resultaria no livro poético *Espaços do Silêncio* (1988) e em planos como o de montar uma sala de espetáculos no mesmo térreo do casarão da Tomaz Flores que no passado abrigara uma fabriquetta de charutos. Foi quando a vontade de retornar à Europa falou mais alto.

Mudança de

Para que nada mais o prendesse a Porto Alegre, no início de 1989 Caco Zanchi optou pela venda do ponto com tudo dentro, exceto por itens de memorabilia. A saída de cena do criador do mais vanguardista endereço noturno de sua época logo deu lugar a um novo investidor, em setembro de 1989: o empresário Rogério Aloise. Com experiência nos ramos de turismo e alimentação, ele atendera a um anúncio de venda da cantina, mas acabou adquirindo o Theatro Mágico, por razões hoje esquecidas, em negociação conduzida por um dos manos de Caco, já ausente. A aposta era inusitada para um sujeito sem qualquer familiaridade ao setor de entretenimento ou grana suficiente para o desafio, abraçado muito mais por necessidade que *know-how*.

“Caí de paraquedas em uma casa que sequer conhecia, aliás nem boêmio eu era”, reconhece Rogério, 69 anos, em bem-humorada sinceridade. “Dei entrada com o valor de um carro Monza usado e, nos primeiros tempos de nova atividade, precisava de táxi ou locação para me deslocar de meu apartamento na avenida Nilópolis (bairro Bela Vista) até a Independência, descendo a pé a quadra da Tomaz Flores. Na volta, chegava com cheiro de cigarro e batata frita para a missa da 7 da manhã na Igreja São Pedro.”

A estratégia foi mudar o foco para um público mais jovem, menos elitizado e ávido por diversão sem compromisso e cerveja a preço acessível. Conhecido pelo apelido de ‘Pilha’, devido a uma energia que o mantinha em constante aceleração,



Cartaz da Peça *Réquiem Para Um Deus*, encenada com sucesso no Theatro Mágico



Caco Zanchi prepara novo negócio



Marcello Campos é formado incluindo as biografias de Lu Há mais de uma década, de